

Lúcio Vaz

Da simulação da morte:

versão e aversão em Montaigne



Belo Horizonte

2008

Lúcio Vaz

***Da simulação da morte:
versão e aversão em Montaigne***

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Área de Concentração: História da Filosofia

Orientadora: Telma de Souza Birchall

Belo Horizonte
FAFICH-UFMG
2008

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG

100	Vaz, Lúcio
V393d	Da simulação da morte : versão e aversão em Montaigne
/	
2008	Lúcio Vaz. – 2008.
	113 f.
	Orientador: Telma de Souza Birchal.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	1. Montaigne, Michel, 1538-1592. 2. Filosofia - Teses . 3. Filosofia francesa –Séc. XVI – Teses 4. Morte - Teses 5. Medo –Teses 6. Imaginação (Filosofia) – Teses. I. Birchal, Telma de Souza II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas III. Título

Capa: *A morte e o cavaleiro* de Albrecht Dürer.

Dissertação *Da Simulação da Morte: versão e aversão em Montaigne* de Lúcio Vaz apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFMG e _____ pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Telma de Souza Birchal - UFMG

Prof. Dr. Newton Bignotto de Souza - UFMG

Prof. Dr. Luiz Eva - UFPR

Prof. Dr. Ivan Domingues

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 02 de maio de 2007

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de pós-graduação em filosofia.
Área de concentração: História da Filosofia.

A meu pai, por nunca ter confiado, pudesse seu filho fazer algo de relevante,
minha refutação:

Agradecimentos

À CAPES, pelo apoio financeiro e eficiência.

Aos funcionários do Departamento de Filosofia, especialmente, a Andréa Baumgratz, secretária da pós-graduação. Aos funcionários da biblioteca da FAFICH, principalmente, à Vilma.

À Prof^ª. Miriam Campolina, pelo auxílio com os antigos e pelo democriteano bom-humor.

E, principalmente, à prof^ª. Telma Birchal, pela cuidadosa orientação, dedicação, conhecimento, paciência e incentivo.

A esses e tantos outros por terem sido tudo que são ou foram, apesar do que eu sou ou tenho sido.

Resumo

O trabalho procura investigar as estratégias argumentativas e ações propostas por Montaigne, nos *Ensaio*s, para eliminar o medo da morte. Para tanto, depois de uma delimitação conceitual do problema e de um debate sobre a questão da imortalidade no livro, parto de um estudo sobre a faculdade da imaginação na obra. Então, procuro inquirir sobre a aplicabilidade da imaginação ao problema da morte e do morrer, em específico. São, a partir daí, caracterizadas duas estratégias diametralmente opostas entre si, que foram defendidas pelo autor em momentos diversos da escrita dos *Ensaio*s: na primeira delas, há uma valorização do método de constante simulação mental da própria morte e, na segunda, Montaigne descredita a simulação da morte e propõe uma confiança na predisposição natural a não temer a morte e o morrer. Em seguida, tento investigar o processo de passagem da primeira para a segunda estratégia de dissipação do temor da morte. Feitas essas considerações que se atém quase exclusivamente ao texto de Montaigne, cotejando-o com as leituras de alguns comentadores, passo a observações históricas sobre possíveis influências sobre o pensamento de Montaigne a respeito do tema. Enfim, procuro mostrar algumas tensões da reflexão montaigniana sobre a morte, sendo a principal delas aquela entre, por um lado, a afirmação da universalidade da morte, prescrevendo a dissipação do medo, e, por outro, o reconhecimento do temor individual diante da possibilidade da própria morte.

Palavras-chave: morte, medo, imaginação, Montaigne.

Abstract

The work aims to investigate the actions and argumentative strategies proposed by Montaigne, in the *Essays*, in order to eliminate the fear of death. After a conceptual delimitation of the problem and a discussion on the question of immortality in the book, I undertake a study on the evaluation of the imagination faculty. Then, I inquire about the applicability of the imagination specifically to the problem of death and dying. So, I describe two diametrically opposed strategies that were defended by the author at different moments of his writing the *Essays*: in the first one, there is a positive evaluation of the method of constant mental simulation of death and, in the second one, Montaigne disbelieves the simulation of it and defends a confidence in the natural predisposition not to fear death and dying. Afterwards, I try to investigate the passage from the first strategy and attitude toward death to the second one. Once made these assessments almost exclusively focused on the Montaigne's text confronted with some scholars' readings, I go to historical observations on possible influences on Montaigne's thought regarding the subject. At last, I try to show some tensions of the Montaignian teaching about death, among them that between the affirmation of its

universality, prescribing the dissipation of its fear, and the recognition of an individual fear before the possibility of his own annihilation.

Key-words: death, fear, imagination, Montaigne

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	10
<i>Capítulo 1: A imaginação</i>	20
<i>Capítulo 2: A simulação</i>	26
2. 1. O último dia.....	26
2. 2. O ascetismo.....	28
2.3. Simular a morte	31
<i>Capítulo 3: A predisposição</i>	41
3.1. Irrealizabilidade.....	41
3.2. Inutilidade.....	44
3.3. Nocividade	48
<i>Capítulo 4: O problema da transição</i>	56
4. 1. Primeiro enfoque.....	59
4.2. Segundo enfoque	61
4.3. Terceiro enfoque	63
<i>Capítulo 5: Observações históricas</i>	67
5.1. Possíveis influências gregas e romanas	67
5.2. Possíveis influências da cultura medieval e renascentista	77
<i>Capítulo 6: O aproveitamento do tempo</i>	86
<i>Conclusão: Do temor da morte</i>	90
<i>Referências:</i>	100
<i>Apêndice</i>	109

Introdução

O propósito inicial deste trabalho era investigar se devemos ou não temer a morte e, se não, o que fazer para alcançar um estado de pleno desassombro. Isso posto, pouco importava, desde o início, a acalorada e frívola discussão sobre as demonstrações da imortalidade ou mortalidade da alma ou de qualquer substância portadora de um resto da identidade pessoal; importavam antes que atitudes tomar, que conduta seguir em vida frente à certeza da absoluta mortalidade ou, para evitar dogmatismos desnecessários e precipitados, frente à dúvida quanto a qualquer prêmio ou castigo futuros. Restava saber em que obra e autor haveria de colher respostas para tais problemas.

Michel de Montaigne, sem dúvida, fornece muitos elementos para responder a esses questionamentos. Entretanto, as respostas não são tão simples e imediatas. Obra multifacetada, ambígua e plural, seus *Ensaio*s impressionam tanto quanto desafiam pela variedade de temas e opiniões¹. Talvez por situar-se na confluência das várias reflexões sobre a morte da Antigüidade clássica, retomadas no Renascimento, bem como na nascente de algumas das modernas, o livro esteve sujeito tanto à redução ao modelo de uma colcha de retalhos² de suas fontes quanto à sua inflação a partir do olhar daquilo que se seguiu na história da filosofia. Força se faria, no intuito de evitar eventuais deteriorações, desbastar o todo do texto e dele depreender os recortes, entender seu encaixe e deduzir as eventuais inovações suas, medindo, assim, a distância entre Montaigne e aqueles dois extremos.

Conquanto reconheça a importância de objetivar essa determinação fiel do lugar ocupado por Montaigne na linha da história, não intento limitar-me ao traçado historiográfico, devido à constatação do abismo hermenêutico quiçá intransponível – ora, ora, eu cá fazendo minhas distinções e criando garras e o texto ali, revolto, esgueirando-se por entre meus dedos como um sabonete molhado! – entre mim e o texto, abismo anacrônico ao qual o ato de leitura e interpretação está fadado, e da necessidade de refazer a experiência de confronto com a morte, o que está além de meramente interpretar a de Montaigne.

As interpretações até o início do século vinte redundaram no primeiro tipo de engano de leitura do texto. Até mesmo a de Pierre Villey³ da evolução trifásica dos *Ensaio*s, por exemplo, em que pesem seus esforços por reconhecer a novidade e independência de Montaigne, acabou por encarar as mudanças na atitude frente à morte como resultantes,

¹ Friedrich, 1949, p. 324, entre outros críticos, diz que, devido ao método de tentativas (*essais*), há várias contradições no texto.

² Ou, na sugestiva e deliciosa expressão de André Gide, “(...) un pudding compact d’auteurs grecs et latins.” Gide, André, 1948.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

